

Cana: capacitação necessária

Trabalhadores volantes, os bóias-frias, dificilmente terão espaço nas lavouras do futuro, segundo pesquisador

Luiz Gallo, de O Estado de S. Paulo

As perspectivas para o trabalhador da lavoura de cana no Estado de São Paulo são preocupantes para os próximos anos. Segundo estudos do professor e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pedro Ramos, o trabalho volante ou bóia-fria nas lavouras canavieiras deverá ser extinto em dez anos. O corte de cana queimada utiliza trabalhadores de forma intensiva e é extremamente desgastante. "Não faz mais sentido cortar cana, é um desperdício de esforço humano", afirma.

Segundo pesquisas do Instituto de Economia Agrícola (IEA-Apta), a mecanização dos canaviais vai desalojar 420 mil trabalhadores. "A partir de 2008, o complexo canavieiro será um desempregador líquido de mão-de-obra", diz Ramos.

O pesquisador ressalta que a indústria de açúcar e álcool, em pleno crescimento, não absorverá os trabalhadores das lavouras. Segundo a pesquisa, 171 mil empregos serão gerados pela indústria, mas a maioria das vagas será voltada para a mão-de-obra capacitada, que geralmente vem das grandes metrópoles. Os trabalhadores da lavoura, por não possuírem esse tipo de capacitação, não serão absorvidos pelo do setor.

Além disso, com o desemprego nas lavouras, os bóias-frias, que geralmente vêm de outros Estados, permanecerão em suas casas e não migrarão para São Paulo. "Os empreiteiros que vão até os Estados e trazem as pessoas para o corte da cana não existirão mais", explica o pesquisador. Ou seja, os Estados de origem terão de absorver esta mão-de-obra que deixará de ser migrante. "Esses trabalhadores precisarão de terra e emprego em seus Estados."